

Uma nova geopolítica mundial (pós-2008) – o papel da Eurásia¹

*Dante Sarubi Filho**

Introdução

Como está se configurando a nova geopolítica¹ mundial pós-2008 e qual o papel da Eurásia nesse processo? A geopolítica mundial vem se reconfigurando nos últimos anos, fruto de acontecimentos de impacto global nas mais diversas esferas das relações entre atores do cenário internacional. Dentre esses acontecimentos, está a crise financeira ocorrida em 2008, que foi o estopim de grandes mudanças no panorama geopolítico internacional.

Os efeitos dessa crise econômica no cenário político internacional foram muito maiores do que inicialmente se poderia imaginar. Do mesmo modo que a crise de 1929, ela vem demonstrando ter a capacidade de alterar o ordenamento de poderes no cenário internacional, tendo a Eurásia como palco, grande região impactada (CERES, 2015).

Um dos principais efeitos da crise foi acelerar processos que já vinham ocorrendo de forma mais lenta, como a crise na União Europeia (UE), devido à complexidade da formação e evolução de um bloco econômico com países de realidades diferentes como às dos seus atuais membros (CERES, 2015).

Afetados pela crise, a UE e os Estados centrais, capitaneados pelos Estados Unidos da América

(EUA), buscam estratégias para sair da crise e retomar um novo processo de crescimento. A volta do crescimento, no entanto, nem sempre se efetiva nessas nações, o que faz com que tais estratégias, além do componente econômico, manifestem também o ponto de vista geopolítico, na busca para manter a hegemonia no sistema capitalista mundial (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Diante disso, constata-se que, após a crise de 2008, a geopolítica mundial vem sofrendo alterações consideráveis, em particular na Eurásia, onde países como China e Rússia, além dos EUA, disputam áreas de influência. Esse jogo de interesses tem apresentado conflitos de diversas origens, sendo grande parte deles concentrados no Leste Europeu, o que se tornou um desafio para a estabilidade da região.

No século XXI, o tabuleiro geopolítico internacional aponta a existência de três grandes protagonistas: Estados Unidos, China e Rússia. Tomando por base esses três atores internacionais, pode-se afirmar que os EUA têm por objetivo manter sua hegemonia mundial nos planos econômico e militar. Para a consecução desse objetivo, as estratégias do governo norte-americano consistem, fundamentalmente, no seguinte: barrar a ascensão da China como potência

* Maj Inf (AMAN/2002, EsAO/2011). Atualmente, é aluno da ECEME.

hegemônica do planeta e impedir a Rússia de se alçar à condição de grande potência mundial ou mesmo regional (ALCOFORADO, 2015).

A retomada do protagonismo internacional é um objetivo que a Rússia vem buscando desde a queda do comunismo e o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Para a consecução desse objetivo, é fundamental para a Rússia assegurar sua área de influência histórica no Leste Europeu, no momento em que Moscou vem observando a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em direção às antigas fronteiras soviéticas, o que gerou o início de um conflito de interesses na região entre a Rússia e o ocidente (CERES, 2015). Esses aspectos situam-se

numa questão geopolítica central: a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no âmbito da crise mundial.

Nesse contexto, a Eurásia, em particular o Leste Europeu, apresenta-se como região central na disputa por interesses das “grandes potências” mundiais. Tal fato corrobora a teoria geopolítica de Mackinder², que dizia que quem governar a Europa Oriental comandará o *Heartland* (parte da Rússia, Leste Europeu, Ásia Central e Oriente Médio), quem governar o Heartland comandará a Ilha do Mundo (Ásia, Europa e África) e quem governar a Ilha do Mundo comandará o Mundo (BONFIM, 2005).

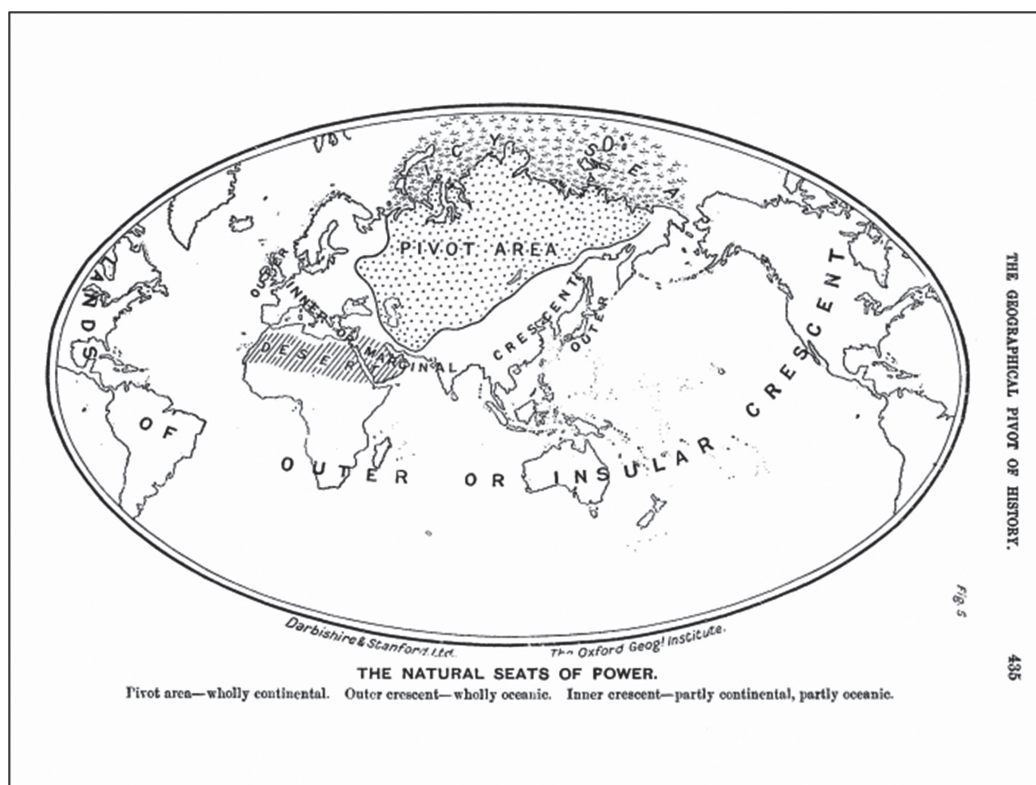


Figura 1 – Área Pivô – Heartland
Fonte: The Geographical Pivot of History, 1904

Baseado no até aqui exposto, pode-se inferir que a crise econômica de 2008 acelerou um ciclo de disputa pela hegemonia mundial em um novo tabuleiro geopolítico. Assim, o presente artigo visa apresentar a nova geopolítica mundial que está se delineando após a crise financeira de 2008.

A geopolítica na Eurásia

No mundo existem dois continentes que estão ligados geograficamente: a Europa e a Ásia. Essa circunstância gerou um termo único para se referir a essa grande massa continental: a Eurásia (CONCEITOS, 2017).

A crise econômica de 2008 abalou a hegemonia norte-americana, que vinha crescendo desde o colapso da URSS. Essa crise foi iniciada em 2001 com os atentados de 11 de setembro e as invasões do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados, na luta contra o terror e na busca da manutenção da influência no Oriente Médio. Paralelo a isso, o sucesso da União Europeia leva a que os interesses europeus se distanciem dos EUA (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

O crescimento da China implicou o aumento do consumo de combustíveis, minerais e aço, acirrando a disputa pela influência sobre os países produtores da Ásia Central. O aumento dos preços e do consumo mundial de petróleo na primeira década do século XXI aumentou a incerteza sobre o controle dessas fontes. No mesmo período, a retomada da Rússia, como potência, acirra as disputas na Ásia Central. No caso da Europa e Ásia Central, a Rússia se mostrou bastante resistente à expansão dos interesses da OTAN na região, levando adiante ações bélicas no Cáucaso e na Ucrânia (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

Nesse ínterim, a velocidade e a ousadia da expansão mundial da China seguem surpreendendo os

analistas e os governantes de todo o mundo. O país está se transformando na primeira sociedade não branca e não europeia que se transformará em uma superpotência política, econômica e militar global. E tudo indica que não haverá recuo nessa tendência. (ALCOFORADO, 2015, p. 36)

A Eurásia avança para um momento de desordem sistêmica: se essas tendências não forem interrompidas, ou redirecionadas, a atual situação pode resultar em um distanciamento progressivo dos Estados Unidos da Eurásia com graves consequências para a sua hegemonia (CHINGO, 2014).

Nesse tabuleiro geopolítico, Alcoforado (2015) comenta que duas grandes potências nucleares, Rússia e Índia, poderão atuar no sentido de reforçar a posição da China e dos Estados Unidos, respectivamente. A expansão da OTAN rumo às fronteiras russas representa a principal ameaça externa a esse país. A Rússia tenderia a apoiar a China em um conflito com os Estados Unidos. A Índia poderia vir a apoiar a intervenção norte-americana na região no confronto com a China.

Após o desmantelamento da União Soviética e do sistema socialista do Leste Europeu, a estratégia dos Estados Unidos passou a ser a ocupação dos territórios fronteiriços da Rússia, que haviam estado sob influência soviética até 1991. A distribuição geopolítica das bases militares norte-americanas não deixa dúvidas sobre a existência de um novo “cinturão sanitário”, separando a Alemanha da Rússia e a Rússia da China (ALCOFORADO, 2015).

Brzezinski, em seu livro *O grande Tabuleiro Mundial* (1997), afirma que, no novo mapa político da Eurásia, podemos identificar cinco atores geoestratégicos: França, Alemanha, Rússia, China e Índia; e cinco pivôs geopolíticos:

Ucrânia, Azerbaijão, Coreia, Turquia e Irã. Sua definição de “pivôs geopolíticos” inclui os Estados cuja importância deriva não de seu poder senão de sua localização, que, em alguns casos, lhes dá um papel especial já que definem o acesso a áreas importantes ou para negar recursos a um jogador relevante.

A Ucrânia, um dos “cinco pivôs geopolíticos” da Eurásia, segundo Zbigniew Brzezinski, é um ponto chave nessa questão. A Ucrânia está se convertendo de país de periferia da Europa em uma nova fronteira de guerra, sendo palco de disputas da União Europeia e OTAN com a Rússia. Em 2014, após as revoltas que destituíram seu presidente, a Ucrânia entrou em grave crise. O país perdeu a Crimeia, que foi anexada pela Rússia, e viu o surgimento de movimentos separatistas em importantes cidades do leste, que contam com o apoio de Moscou. Em represália, devido à anexação da Crimeia, EUA e União Europeia impuseram sanções econômicas à Rússia (RÚSSIA..., 2016, sem 1º, p. 57).

De todo o exposto, a respeito das questões relativas à geopolítica da Eurásia, constata-se que existe um consenso entre os autores quanto à complexidade dos interesses geopolíticos nessa importante região global, em particular no Leste Europeu.

O ressurgimento da Rússia

A queda do comunismo e a dissolução da URSS, em 1991, marcaram o início de um novo período na relação entre a Rússia e o Ocidente, substituindo a antiga rivalidade por cooperação. A Rússia adotou o capitalismo e se integrou à nova ordem mundial, a globalização; foi aceita em diversas organizações, como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o G-7 (grupo que reunia os sete países ocidentais mais ricos do mundo)

e estreitou laços comerciais com a UE. Sua estratégia econômica passou a privilegiar a exportação de recursos naturais – o país é um dos grandes produtores mundiais de petróleo e gás.

A recuperação geopolítica da Rússia está sendo possível graças à afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo implantado por Vladimir Putin, que, na última década, decidiu concentrar seus esforços na reconquista de um domínio geopolítico sobre a área da ex-União Soviética. Ele pretende fazer com que sejam respeitadas as antigas fronteiras da União Soviética, à exceção dos países bálticos (ALCOFORADO, 2015).

Dessa forma, a Rússia está ressurgindo como uma ameaça política e militar à Europa Ocidental e seus vizinhos, numa tentativa de se colocar contra o avanço do ocidente em direção a sua área de influência e aproximar-se de países que vêm desafiando seu poder hegemônico (China e Irã) (CERES, 2015).

Para a geopolítica russa, a Ucrânia era um escudo econômico e político ao avanço da União Europeia e de sua aliança militar, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que pode montar bases militares nos países-membros. (RÚSSIA..., 2015, sem 1º, p. 48)

A Rússia acabou tolerando, a contragosto, a expansão da UE e da OTAN. Estas incorporaram nações do Leste Europeu (Hungria, Bulgária, Polônia, República Tcheca, Eslováquia e Romênia) e as antigas repúblicas da URSS na região do Báltico (Letônia, Lituânia e Estônia). Todo esse quadro foi agravado com a crise econômica de 2008 (RÚSSIA..., 2015, sem 1º, p. 49).

Os dirigentes russos, nos últimos anos, voltaram a dar prioridade à questão das Forças Armadas, visando a reverter a acelerada decadência do potencial militar do país durante a década de 1990.

O objetivo dessa reconstituição parcial do poder militar russo consistia em dar uma base material mais forte à estratégia de afirmação diplomática e geopolítica da Rússia frente às tentativas permanentes de enfraquecimento do país por parte dos Estados Unidos e de seus aliados europeus (ALCOFORADO, 2015).

A Rússia vem desenvolvendo parcerias estratégicas com a China. O país percebeu que a China poderia ajudá-lo na sua resistência às ambições geopolíticas dos Estados Unidos, tanto na Europa Oriental quanto no Cáucaso ou na Ásia Central. A Organização da Cooperação de Xangai (*Shanghai Cooperation Organization – SCO*) foi criada em 2001 para estabelecer uma aliança entre a Rússia e a China em termos militares e de combate ao terrorismo, ao fundamentalismo religioso e ao separatismo na região da Ásia. A SCO propõe explicitamente ser um contrapeso aos Estados Unidos e às forças militares da OTAN (ALCOFORADO, 2015).

A parceria entre a China e a Rússia existe, também, no setor de armamento. Ao longo da década de 1990, as vendas de armas para a China foram essenciais para a sobrevivência do complexo militar industrial russo. Os chineses permanecem grandes clientes de combustíveis fósseis russos. Em 16 de maio de 2014, Rússia e China anunciaram a assinatura de um “tratado de amizade” contemplando um acordo sobre o gás, pelo qual os dois países irão construir um gasoduto para exportar essa matéria-prima para a China.

A parceria estratégica entre China e Rússia é tão fundamental para os dois países que as diferenças acerca da questão energética, ou outras divergências de interesses, naturais entre duas potências, por mais importantes que sejam, não foram capazes de ameaçar a colaboração entre os dois países

no que diz respeito à tentativa de limitar o poder dos Estados Unidos (ALCOFORADO, 2015).

Cabe observar que os efeitos da crise também vêm afetando a Rússia, principalmente devido à queda do preço do barril de petróleo. Esse fato coloca em xeque a economia da Rússia e de outros países produtores de petróleo que são dependentes de sua receita de exportação (ALCOFORADO, 2015).

Na retomada de sua influência mundial, a Rússia vem atuando em questões como a guerra civil na Síria. Desde o início do conflito, a Rússia, como membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), vem usando seu poder de veto para impedir a adoção de resoluções contra a Síria. Ao intervir diretamente na guerra da Síria, o governo russo pretende assegurar seus interesses no Oriente Médio e mostrar que ainda exerce papel fundamental nas crises mundiais (RÚSSIA..., 2016, sem 1º, p. 56).

Em vista do que foi debatido, percebe-se que a Rússia figura como importante ator global com influência na Eurásia ao longo do tempo, em especial no Leste Europeu. Essa condição vem impondo à Rússia uma série de conflitos de interesses com outros países, uma vez que o país luta para não perder poder de influência naquela região.

O papel da Eurásia no novo ordenamento geopolítico mundial

A crise econômica de 2008 trouxe algumas consequências que influenciaram a geopolítica da Eurásia. O enfraquecimento norte-americano e europeu (em particular da UE) diante da crise, o crescimento chinês e o ressurgimento da Rússia como ator internacional de peso criaram condições para que a Eurásia, em particular sua

porção central (o Leste Europeu), se tornasse palco de disputas entre diversas nações. Países como EUA, China e Rússia disputam áreas de influência na região, o que se tornou um desafio para a estabilidade da área. Tal condição concede à Eurásia futuro indefinido.

Tudo indica que, no imenso bloco euroasiático, será disputada a grande contenda genuinamente geopolítica de escala global nas próximas décadas. Na frente oriental desse bloco, a China será capaz de romper o cerco que expressa plenamente a vigência do poder marítimo que lhe é imposto pelos EUA e seus aliados ocidentais e asiáticos? Na frente ocidental, a Rússia será capaz, com suas antigas e renovadas reservas de poder, de romper as linhas da poderosa contenção que lhe é imposta pela ação coordenada dos EUA e seus aliados europeus da OTAN? (COSTA, 2015).

Esses aspectos situam-se numa questão geopolítica central: a disputa das potências mundiais por áreas de influência para exploração de energia e produção alimentar no contexto da crise mundial (SAMPAIO, 2016; MEDEIROS, 2016).

A OTAN deu curso à sua estratégia de alargamento a partir de 1999, na qual também incorporou a maior parte dos países do Leste Europeu e, portanto, da órbita do antigo Pacto de Varsóvia. Sob esse aspecto, o caso que melhor ilustra o grave e potencial quadro de fricções que se estabelecerá nas relações dos EUA/OTAN com a *nova* Rússia, com a consequente deterioração das condições de segurança europeia, são os ostensivos convites à Ucrânia para ingressar na organização (COSTA, 2015).

A Ucrânia, pelo seu significado histórico e posição peculiar na configuração geopolítica da Eurásia, tornou-se alvo prioritário nesse novo

ambiente de fricções entre a OTAN expandida em direção ao leste e a movimentação da Rússia nos últimos anos para restaurar seu poder na região, tornando-se o principal pivô de tensões do oeste da Eurásia. A singularidade histórica da Ucrânia para os russos é indiscutível. Além disso, é conhecida a importância do país pela sua destacada produção agrícola e o desenvolvimento industrial, ao lado da sua posição estratégica para o escoamento do gás da Sibéria em direção à Europa Ocidental (COSTA, 2015). A Ucrânia é um dos centros de conflito no quadro geopolítico da Eurásia, onde a Rússia limita a expansão da UE e EUA, por meio da OTAN, impedindo que o país passe para a influência do Ocidente.

Além da retomada da proeminência da Rússia, o olhar sobre a geopolítica do século XXI deve deter-se no exame da rápida ascensão da China à posição de grande potência, país que tem a segunda maior economia, que é o líder das exportações do mundo e que, nos últimos anos, tem intensificado seu ativismo diplomático na escala global, com grande ênfase das suas ações na Eurásia, como as parcerias estratégicas com o governo russo (COSTA, 2015).

Essa parceria, marcada pelas relações de cooperação entre os dois países, também se expressa na celebração de novos arranjos comerciais bilaterais, sendo o maior deles o recentemente firmado Acordo Energético envolvendo o fornecimento à China de 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano ao longo de trinta anos (COSTA, 2015).

Caso venha a consolidar-se a formidável – e poucos anos atrás improvável – aliança entre as duas grandes potências euroasiáticas, que, além de países-baleia, contam com vantagens comparativas e competitivas derivadas dos seus territórios, recursos naturais, populações,

infraestrutura, poder econômico e força militar, o mundo assistirá pela primeira vez à formação de um imenso e poderoso Bloco Eurasiano capaz de confrontar, nos anos que seguem, o até então incontestável poder político e militar da aliança liderada pelos EUA, formado pela OTAN (no Ocidente) e ancorado nos acordos bilaterais de segurança com seus mais tradicionais aliados da Ásia e do Pacífico, casos do Japão, Coreia do Sul, Singapura e Austrália. (COSTA, 2015)

A aliança entre a China e a Rússia poderá trazer novas implicações para o ordenamento mundial, tendo como área central a Eurásia, na medida em que esses países conjugam interesses na disputa de poder político e militar entre as grandes potências.

A posição da Rússia na nova geopolítica mundial

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, a Rússia empreende grande esforço de reconstrução econômica, beneficiada pela elevação dos preços do petróleo e gás. No caso do gás, especialmente, o país ocupa a posição de maior fornecedor da Europa. O produto é escoado através de uma densa rede de *pipelines* (gasodutos) desde os campos da Sibéria. O governo de Moscou sabe que a forte dependência europeia desse combustível é fator crucial em conjunturas de crise com a Europa, fato importante a ser considerado no implemento das ações russas para retornar ao seu lugar de destaque consolidado ao longo da história (COSTA, 2015).

Um aspecto notável da história da Rússia é o amálgama da sua evolução social, econômica, política e cultural com a particular configuração e formação do território nacional e o

modo como isso se desdobra interna e externamente na geopolítica. Em outros termos, a longa trajetória da sua constituição enquanto Estado-Nação moderna – contrastando com as dos seus congêneres europeus – é marcada por um complexo quadro de processos superpostos e interconectados, no qual a construção e a consolidação do Estado praticamente se confundem com a expansão e a configuração do seu território. Por isso e, nesse caso, abstraindo suas respectivas particularidades históricas, certamente que a Prússia, mas também a Rússia, são os arquétipos do que podemos aqui denominar de Estado Territorial ratzeliano. (COSTA, 2015)

No esforço de recuperação do poder e do espaço perdidos, a atual política estratégica russa, de natureza essencialmente geopolítica, impulsiona movimentos na direção de dois objetivos principais. Na frente ocidental, contrastar e conter duramente os EUA/OTAN em suas políticas de expansão/contenção em direção ao leste e, no limite, manter ou reconquistar para a sua órbita de influência direta a Ucrânia, as três ex-Repúblicas Soviéticas do Báltico (Lituânia, Letônia e Estônia), a Moldávia, parte do Cáucaso (Geórgia e Armênia) e o Ártico, com suas cobichadas jazidas de petróleo e gás e suas novas rotas interoceânicas (COSTA, 2015).

Nesse íterim, Vladimir Putin aprovou uma nova estratégia de segurança nacional até 2020, que permite, caso a diplomacia não surta efeito, o uso da força para a defesa dos interesses nacionais. Para isso, o país está reconstituindo seu poder militar com pesados investimentos, modernizando suas Forças Armadas (CERES, 2015) (RÚSSIA..., 2016, sem 1º, p. 57).

Na sua projeção para o leste, as ações russas se expressam, sobretudo, por um acentuado esforço

de aproximação com a China, país com o qual tem história marcada pela alternância entre períodos de cooperação e rivalidades (COSTA, 2015).

Recentemente, a União Europeia e os Estados Unidos impuseram sanções econômicas contra a Rússia, em represália por sua intervenção na Ucrânia e a anexação da Crimeia (consolidação para saída para o mar quente). Essas sanções se somam à queda nos preços mundiais do petróleo e do gás natural, dois dos principais produtos de exportação e receitas da Rússia, desencadeando uma crise econômica no país, agravando os antagonismos na região (RÚSSIA..., 2015, sem 1º, p. 51).

Em que pesem essas sanções, os russos continuam buscando manter a retomada da sua influência mundial, atuando em questões como a guerra civil na Síria, para mostrar ao mundo sua posição de grande potência mundial.

A restauração da Rússia como grande potência com projeção regional e mundial e os rumos dominantes da sua estratégia de poder e de influência na política internacional, como o formidável reaparelhamento das Forças Armadas, a recente reaproximação com a China, a calculada movimentação que visa contrastar a hegemonia dos EUA/OTAN e a ousada e ostensiva intervenção política e militar na atual crise da Ucrânia, são processos e eventos emblemáticos das aceleradas mudanças do mundo deste início do século 21 e que nos inspiram a examiná-los pondo em relevo as concepções da antiga e sempre renovada geopolítica. (COSTA, 2015)

Os esforços russos para reconquistar papel de destaque na geopolítica mundial são efetivas e se baseiam na recuperação da influência no seu entorno, além de buscar parcerias com a China numa tentativa de ter ao seu lado ator de peso no cenário internacional.

Conclusão

As transformações que vêm ocorrendo no cenário geopolítico mundial, assim como em outros momentos da história, são frutos de acontecimentos com capacidade de impacto global. A crise financeira de 2008 demonstrou que seus efeitos imediatos e a médio prazo colaboraram para alterações no tabuleiro geopolítico global.

A crise agravou processos que já estavam em andamento, como a crise da União Europeia, acarretando uma desordem geopolítica de grande complexidade, com forte repercussão na Eurásia, onde três grandes países – Estados Unidos, China e Rússia – buscam protagonismo.

Nessa disputa, a crise econômica de 2008, somada aos atentados de 11 de setembro, diminuíram o poder relativo norte-americano, bem como dos principais países europeus no conjunto da União Europeia. O crescimento econômico chinês e o ressurgimento da Rússia como potência também colaboram para o enfraquecimento da hegemonia dos EUA, equilibrando o jogo geopolítico mundial. Dessa maneira, a crise trouxe consequências que afetaram a geopolítica global, contribuindo para que a Eurásia, em particular o Leste Europeu, se tornasse palco de disputas entre diversas nações.

Tudo leva a crer que a grande disputa geopolítica mundial nas próximas décadas terá como palco o imenso bloco euroasiático. Em que pese a disputa geopolítica pelo domínio de importantes regiões da Eurásia, como a Ásia Central, o epicentro dessa contenda está se delineando no Leste Europeu, tendo a Ucrânia como pivô do conflito, uma vez que é por onde a Rússia limita a expansão da UE e dos EUA, não deixando o país passar para a influência do Ocidente, o que traz desafios para a estabilidade da região.

Essa situação remonta, e traz novamente para a discussão geopolítica, à teoria geopolítica do Poder Terrestre de Mackinder, apresentada no início do século passado. A teoria defende que quem governar a Europa Oriental comandará o *Heartland* (parte da Rússia, Leste Europeu, Ásia Central e Oriente Médio), quem governar o *Heartland* comandará a Ilha do Mundo (Ásia, Europa e África) e quem governar a Ilha do Mundo comandará o Mundo. Pode-se inferir que Estados Unidos, China e Rússia parecem considerar a importância desses conceitos na elaboração de suas estratégias geopolíticas atuais.

Nesse contexto, a Ucrânia é um ponto-chave nessa disputa. A importância geopolítica do país está se acentuando ao passo que a nação está se transformando em uma nova fronteira de guerra.

A manutenção de sua influência sobre a Ucrânia é uma ação estratégica que está sendo seguida rigorosamente pela Rússia, no momento em que o país busca a retomada do protagonismo internacional, tendo isso como um de seus objetivos políticos mais importantes, o que é mais um ingrediente no contexto dessa disputa.

Verifica-se que os esforços russos para retomar um papel de destaque na geopolítica mundial são agressivos e parecem estar surtindo efeitos. A intervenção russa na guerra civil da Síria, em apoio ao ditador Bashar Al Assad, sem grandes contestações do Ocidente, é uma demonstração clara dessa retomada.


Outra ação russa na busca pelo seu retorno como grande ator no cenário global é o desenvolvimento de parcerias estratégicas com a China. O acordo energético firmado entre Rússia e China envolvendo o fornecimento à China de 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano, ao longo de trinta anos, evidencia essa intenção

russa. O país considera que a China pode ajudá-lo na sua oposição às ambições geopolíticas dos Estados Unidos, o que traz maior complexidade para as questões geopolíticas mundiais. Essa opção russa se dá em virtude de a China ser a primeira sociedade não branca e não europeia que se transformará em uma superpotência política, econômica e militar global, contrapondo-se à hegemonia norte-americana.

Essa aliança entre as duas grandes potências euroasiáticas poderá consolidar a formação de um imenso e poderoso bloco eurasiático capaz de confrontar, nos próximos anos, o poder político e militar dos EUA e seus aliados.

De todo o exposto, pode-se concluir que a crise econômica de 2008 vem marcando emblematicamente um novo ciclo de disputa pela hegemonia mundial no jogo geopolítico. A crise acelerou o desencadeamento de um cenário de mudanças geopolíticas muito parecido com o existente no mundo antes das grandes guerras mundiais, quando países em ascensão disputavam o poder que estava sendo perdido pela força hegemônica em decadência (CERES, 2015).

Em substituição à hegemonia global norte-americana, está sendo construído um novo sistema mundial, no qual China e EUA buscam conquistar uma liderança conjunta, e a Rússia vem tentando retomar o patamar de superpotência, valendo-se, para isso, de sua parceria com a China, o que confere aos chineses maior poder político.

Em suma, a parceria que está se configurando entre a China e a Rússia, nos últimos anos, poderá moldar a nova Ordem Mundial pautada na Eurásia, revigorando a Teoria do Poder Terrestre. Nessa nova Ordem, a repartição do poder político e militar entre as grandes potências caminha para se configurar como tripolar. 

Referências

ALCOFORADO, Fernando. **A Crise Mundial de 2008 e suas consequências econômicas, sociais e geopolíticas**. Salvador. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/falcoforado/a-crise-mundial-de-2008-e-suas-consequencias-economicas-sociais-e-geopoliticas>. Acesso em: 15 mar 2019.

BONFIM, Uraci Castro. **Geopolítica**. Rio de Janeiro. Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército / Ensino a Distância / CPEAEx / EAD. 2005.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria Normativa nº 9/GAP/MD**, de 13 de janeiro de 2016, que Aprova o Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01 (5ª Edição/2015). Publicado no DOU nº 14, de 21 de janeiro de 2016.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **O grande Tabuleiro Mundial**. Estados Unidos da América: Basic Books, 1997.

CAMPOLINA, Bernardo; DINIZ, Clécio Campolina. **Crise global, Mudanças Geopolíticas e Inserção do Brasil**. Revista de Economia Política. Belo Horizonte, out/dez 2014, vol. 34, nº 4.

CASTRO, Therezinha. **Nossa América: geopolítica comparada**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, IBGE. 1992.

CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **A geopolítica pós-crise de 2008**. São Paulo, 27 jun 2015. Disponível em: <https://nemrisp.wordpress.com/2015/06/27/a-geopolitica-pos-crise-de-2008/>. Acesso em: 19 jan 2019.

CHINGO, Juan. **A crise econômica mundial se transforma em crise geopolítica**. Fração Trotskista Quarta Internacional. 2014. Disponível em: http://www.estrategiainternacional.org/A-crise-economica-mundial-se-transforma-em-crise-geopolitica?lang=pt_br. Acesso em: 28 fev 2019.

CONGRESSO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA. 1º jun 2016, Mar Del Plata. **A Geopolítica da Crise: crise econômica e as mudanças no espaço mundial**. Disponível em: <https://congresogeografiaeconomica.files.wordpress.com/2016/06/5-dos-santos-sampaio-medeiros.pdf>. Acesso em: 25 fev 2019.

COSTA, Wanderley Messias. **O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial**. Confins, nº 25. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10551>. Acesso em: 20 maio 2019.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

EURÁSIA. Site: <https://conceitos.com>. Autor: Editorial Conceitos. Publicado: 2 ago 2017. Disponível em: <https://conceitos.com/eurasia/Sao Paulo, Brasil>.

MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. Londres: The Geographical Journal. 1904.

MARTINELLI, Caio Barbosa. **O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye**. Curitiba: Conjuntura Global, vol. 5 nº 1, jan/abr, 2016, pp. 65-80. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/06/5-Caio-Barbosa-Martinelli.pdf>. Acesso em: 21 mar 2019.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

NAÇÕES DESUNIDAS. **Atualidades**, São Paulo, pp. 40-45, 1. sem. 2017.

NEVES, Miguel Santos. **A China e a Índia no Atlântico Sul**. Relações Internacionais. Brasil, jun 2013.

NYE, Joseph S. **Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

RÚSSIA: a volta de Moscou à arena geopolítica. **Atualidades**, São Paulo, pp. 54-57, 1. sem. 2016.

UNIÃO EUROPEIA: eleições na Grécia contestam o ajuste. **Atualidades**, São Paulo, pp. 44-47, 1. sem. 2015.

UNIÃO EUROPEIA: Reino Unido pede para sair. **Atualidades**, São Paulo, pp. 44-45, 2. sem. 2016.

-
- ¹ O general Carlos de Meira Mattos (2002) define *geopolítica* como a arte de aplicar a *política* nos espaços geográficos. Bonfim (2005) afirma que a *geopolítica* se desenvolve em função da percepção do poder dos Estados e na relação entre os Estados do mundo, logo, na procura do poder mundial.
- ² Halford John Mackinder, em sua obra *The Geographical Pivot of History* (1904), apresenta a Teoria do Poder Terrestre. Analisando o mapa-múndi, observou que 75% das terras do Globo eram constituídas de Europa, Ásia e África; com cerca de 90% da população mundial, denominando esse conjunto de “Ilha do Mundo” e destacando-o como eixo central no hemisfério norte. E constatou, ainda, que as conquistas dos bárbaros para oeste e dos cossacos para leste partiram do centro-oriental, concebendo que, no interior desse eixo, numa área central, se instalaria o poder terrestre. Denominou-se essa área de “Terra Central” ou “Terra Coração” (*Heartland*), autêntica área pivô da História. A seguir, deduziu que quem a controlasse dominaria a “Ilha do Mundo” e, como consequência, controlaria o mundo.